

Aspectos Históricos da Hipertensão

Hélio Lourenço de Oliveira, Ribeirão Preto e a hipertensão arterial

Fábio Leite Vichi*

Foi dos mais ilustres, cultos, didáticos e vocacionados médicos que perfilaram pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Sua modéstia escondia um perfil de competência e insatisfação científica. Nasceu no interior do Estado de São Paulo em 9 de julho de 1917, na cidade de Porto Ferreira. Obteve formação básica, representada pelo curso primário em escolas públicas de sua urbe natal e em São Paulo. O ginásio, realizado de 1929 a 1933, foi cursado no Ginásio do Estado da capital paulistana. Após o ano de preparação para os vestibulares, vencido no curso pré-médico (Colégio Universitário), anexo à Faculdade de Medicina da USP durante o ano de 1934, adentrou a Escola Médica da USP, em 1935.

Seu curso de Medicina foi realizado com muito destaque. Enquanto acadêmico, lecionou em curso preparatório para os exames vestibulares da Faculdade de Medicina. Enquanto sexto-anista, iniciou-se na docência universitária, ensinando semiologia a grupos de terceiro-anistas. Em sua formatura em Medicina, no ano de 1940, obteve o primeiro lugar na turma de doutorados. Como bolsista do Pan American Sanitary Bureau, esteve nos

Estados Unidos da América do Norte, nos anos de 1941 e 1942, estagiando na Escola Médica da Universidade de Nova York.

Era então um médico comum, mas com grande potencialidade e de uma profunda inteligência. Não há referências, nessa fase de sua vida, de um direcionamento particular em estudar Nefrologia ou hipertensão arterial. Retornou ao Brasil e foi encampado pela vida universitária, inicialmente como assistente voluntário da 3ª Clínica Médica da Faculdade de Medicina da USP (de 1942 a 1943, sediada na Santa Casa de São Paulo). Na mesma época, como assistente do prof. Walter Leser, ensinou colaborando no Departamento de Higiene da Escola Paulista de Medicina e, posteriormente, na Faculdade de Farmácia da USP. Expunha então toda a sua didática e ampla cultura médica. Outros setores primariamente não-médicos receberiam a sua participação e, em 1945 e 1946, foi professor de Higiene Social na Escola Livre de Sociologia Política, em São Paulo.

Algum tempo depois e de 1945 a 1949 foi assistente do Serviço de Moléstias da Nutrição do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (então chefiada pelo Prof.

Antônio B. de Ulhoa Cintra). Em 1949, com o brilhantismo que caracterizou sua carreira, defendeu as teses para doutor e livre-docente, ambas na Faculdade de Medicina da USP. Depois de vencer esses dois marcos universitários, entre 1950 a 1953, ganhou a chefia do Serviço de Moléstias da Nutrição do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, cargo que, como ele dizia, pensava ser o último.

Desde maio de 1952, o Estado de São Paulo ostentava uma outra escola de Medicina, também ligada à Universidade de São Paulo. Situava-se bem distante desta, em Ribeirão Preto, cidade e região propícias para outro núcleo de ensino, pesquisas e atendimentos médicos. A instituição era cercada de inovações e destacava-se como um fulcro de muitas esperanças. Em 1953, Hélio Lourenço de Oliveira foi contratado como professor de Clínica Médica, com a responsabilidade inicial de organizar o mesmo departamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. A missão incluía duas experiências novas: a união de todos os setores clínicos sob uma mesma égide e a constituição de uma equipe de docentes clínicos em regime de tempo integral para o ensino e pesquisa.

*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP.

A orientação imprimida ao Departamento de Clínica Médica e a participação de Hélio Lourenço de Oliveira foram vitoriosas. O setor desenvolveu-se e obteve uma grande projeção. Eleito paraninfo da segunda turma de médicos graduados pela instituição, sempre revestido de grande modéstia, atribuiu aos responsáveis por sua formação e aos companheiros do setor as homenagens recebidas. Ao término da alocação e dirigindo-se em especial aos novos médicos, disse entre muitas outras coisas: “É esta uma séria tarefa. Sabeis, por certo, que o nome que deveis alicerçar é o renome que a Faculdade de Ribeirão Preto tem, que na realidade sempre teve. Renome que esta Faculdade já adquirira antes de haver feito, ela própria, com que merecê-lo, mas apenas ao se enunciarem os princípios a que sua organização deveria se subordinar”. Na frase machadiana “há vidas que só tem prólogo; mas toda gente fala do grande livro que se segue, e o autor morre com as folhas em branco”. Caros afilhados, sois co-autores do livro da Faculdade: colaborai para que ele seja escrito à altura do prefácio!”

Terminou o seu discurso de paraninfo, pronunciado em 19 de dezembro de 1958, dizendo: “Prezados doutorandos: está iniciada vossa carreira. Vossos êxitos serão glórias para vossa Escola e vossos professores. Portanto, augurar-vos os melhores sucessos não será exprimir sentimentos puramente altruísticos. Pois até no egoísmo desses votos encontrareis razão para crer na sinceridade com que são feitos!”

Foi uma pessoa muito interessada em educação em geral e na médica, em particular. Participou de reuniões sobre ensino de Clínica Médica e representou a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto na fundação da Associação Brasileira de Escolas Médicas.

Sua liderança, reconhecida e aceita por quase todos, levou-o por diversas vezes ao cargo de conselheiro da Universidade de São Paulo e ao posto de vice-reitor eleito, com a posse imediata como reitor em exercício da USP, em 14 de outubro de 1967. Exerceu o cargo de reitor até o dia 29 de abril de 1968, quando foi aposentado pelo Ato Institucional número 5, uma atitude injusta e desnecessária, assinada pelo presidente Costa e Silva.

Seguiu-se a esse ato a sua aceitação como conselheiro da Organização Mundial da Saúde (OMS), com sede em Alexandria (Egito), após ter sido membro da missão da Unesco, na Síria, encarregada de assistir na reforma e desenvolvimento do ensino superior no país, relatando o ensino médico.

Até dezembro de 1972, foi consultor temporário da OMS em assuntos referentes ao ensino médico no Oriente Médio. Desligou-se de suas atividades educacionais dirigidas ao ensino da Medicina naquela região do mundo, retornando para Ribeirão Preto, onde exerceu atividade profissional médica.

Em julho de 1980 é reintegrado à USP, mantido o cargo de professor catedrático. Retornou em junho de 1982 para assumir o posto de conselheiro da USP. Foi, em 1983, nomeado membro do Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Nesse mesmo ano, em setembro, foi laureado com prêmios e honrarias e eleito diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. No ano seguinte, foi pró-reitor da USP, ascendendo às expectativas de um retorno à reitoria desta universidade, quando faleceu em 14 de março de 1985.

Como médico, dedicou muito de seus trabalhos, especialmente laboratoriais, a situações em que a hipertensão arterial estava presente. Era nefrologista e, por elementos dessa especiali-

dade, considerado e respeitado. De Ribeirão Preto, encaminhou seu trabalho inicial enquanto docente da instituição, publicado em 1956, versando sobre a etiologia da glomerulonefrite aguda. Estruturou uma seção voltada para o estudo de imunopatologia. Estudou com afinco as nefrites nefrotóxicas experimentais. Nesse terreno, viu a primeira de suas comunicações, seguidas de outras, tratando das lesões pulmonares, que acompanham a glomerulonefrite experimental produzida em ratos por soro de coelhos anti-rim de rato.

Ainda trabalhando em situações de Nefrologia experimental, descreveu o fato de que a indução experimental de um estado urêmico no animal tornava-o refratário à lesão provocada pela administração de soro nefrotóxico. Esse trabalho levou a uma série de outros, tentando explicar a inibição da lesão pulmonar, observada em animais urêmicos.

Foi sempre ligado a aspectos da Nefrologia. Em 1968, mesmo algo distante do procedimento, acompanhou atentamente a evolução do primeiro caso de transplante renal humano, realizado em um doente hipertenso, no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto em 14 de fevereiro. Recebeu uma homenagem, representado por outra pessoa, durante o V Congresso Brasileiro de Nefrologia, realizado em São Paulo, em 1970.

Foi uma pessoa afinada com seu tempo. Interessou-se pelos avanços dos estudos sobre hipertensão arterial. Estimulou outros pesquisadores neste campo, foi um cientista criterioso e estudioso. E, como escreveu o prof. Antonio Candido: “Lembrar a sua atuação, evocar a sua personalidade harmoniosa e firme e inscrever na memória das novas gerações o que há de mais alto em nossa Universidade de São Paulo”.